





ESTRELA  
KAINGÁNG  
A LENDA  
DO PRIMEIRO PAJE

Vāngri Kaingáng  
Ilustrações Catarina Bessell

BRUTA



Ao contar a lenda de como  
surgia o primeiro pajé de  
sua tribo, Vângri Kuingúng  
nos apresenta essa figura de  
extrema importância dentro  
da cultura indígena, detentora  
de imenso conhecimento.  
Acompanharemos toda a  
trajetória do pajé Káká,  
fascinados pelas encantadoras  
ilustrações de Catarina Bessell.





ESTRELA  
KAINGÁNG  
A LENDA  
DO PRIMEIRO PAJÉ

Vãngri Kaingáng  
Ilustrações Catarina Bessell



BIROTA 

São Paulo - 2016



Há muito tempo, quando não existiam pajés nas aldeias de grande parte dos povos indígenas, como os kaingáng, as pessoas viviam cheias de doenças e tinham poucos remédios.


Certa noite, uma estrela foi à Terra na forma de um belo índio kaingáng, enamorou-se de uma bonita jovem e casou com ela. O índio, que era uma estrela disfarçada, amava muito sua esposa, não a deixava para nada. Onde quer que fosse, levava sua amada, inclusive nas guerras, junto com os demais guerreiros kaingáng.

A moça engravidou. Todos na aldeia ficaram felizes. Não houve quem não festejasse. A estrela sentia saudades de sua casa no céu, mas tinha pelo filho amor verdadeiro, pois seria sua herança naquela terra, uma criança especial para todo o povo kaingáng. Por isso não ousava deixar a mulher para nada, muito menos pensava em voltar para o céu e abandoná-la para sempre.

Naquela época, os kaingáng não sabiam curar doenças, não sabiam que na mata, em árvores muito diferentes umas das outras, havia segredos, e que poderiam aprender a fazer remédios com as ervas da floresta e curar seus males.

O povo ainda não percebia, nem imaginava o quão poderosa seria aquela criança, porém os espíritos maus já tinham percebido. Conhecedores do poder do bebê, ainda no ventre da mãe, resolveram atacá-lo. Estavam dispostos a fazer de tudo para impedir seu nascimento. Mas o Índio Estrela protegia os dois.





Várias vezes os espíritos do mal apareceram na casa querendo fazer maldades para a mãe e para a criança, mas seu pai, que era também poderoso, livrou os dois. Foram lutas difíceis e demoradas; por isso, cansado de tanta investida dos espíritos maus, resolveu convidar a esposa para morarem no céu, junto com a Mãe Lua e o Pai Sol.

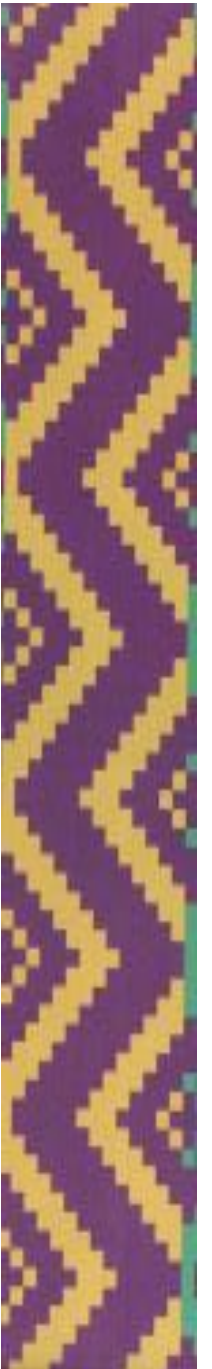
- Não posso ir - disse ela. - Gosto daqui. Não sei viver longe de minha aldeia.


- Mas nosso filho é uma criança especial - disse ele -, se continuarmos aqui, os espíritos maus farão de tudo para destruí-lo.

- Se você quer voltar ao céu, vá - retrucou ela. - Eu mesma não posso, pois não viverei sem meus parentes.

Então, correu e fugiu para a floresta, deixando o marido sozinho. O Índio Estrela chorou muito e, sem alternativa, voltou para o céu, onde a Mãe Lua o esperava, sempre iluminada.

A moça sentia falta do marido, mas estava decidida a nunca abandonar sua gente. Para ela, não era justo ir para o céu e deixar seu povo à mercê dos espíritos maus que os atacavam causando doenças e sofrimento. "Não", pensou ela. "Nunca me perdoaria. Meus irmãos vivem sofrendo, meus parentes estão doentes. Não sou capaz de deixá-los aqui".






Tinha certeza de que com o filho por perto as coisas melhorariam. Lutaria por seu filho e por seu povo até o fim. O menino seria como ela, criado dentro dos costumes de seu povo, e não longe dele.


Por isso, retornou à aldeia. Ela andou muito até chegar de volta. Pensou: “Assim, eu e meu filho poderemos viver tranquilamente”. Mas estava enganada.

O tempo passou, sua barriga foi crescendo e, quando estava perto de ter a criança, começou seu sofrimento. A moça kaingáng, forte e cheia de vida, procurava fugir das perseguições de animais que queriam assustá-la. Bichos andavam por cima das ocas e faziam horríveis barulhos, chiados e gritos, que assustavam a mãe da criança. Ela saía e buscava outro lugar para descansar e assim poder manter o bebê em sua barriga calmo e protegido.

Quando a criança nasceu, seu nome foi dado pelo avô. Assim que ele o pegou nos braços, respeitando os costumes kaingáng de que quem escolhe o nome da criança são os avós e nunca os pais da criança, deu-lhe o nome de Kāká, que significa “vento”, pois naquele dia ventava bastante.









O menino nem bem nascera e teve seus pertences totalmente destruídos por raposas, que atacaram o cesto com as coisas do pequeno. Roeram e rasgaram as redes e panos, deixando a criança nua e sem proteção. Sua mãe, muito triste, chorou, pois o filho não tinha mais nada com que se cobrir.

Seu choro durou toda a noite e, quando a Mãe Lua ouviu, apiedou-se da moça, pois apesar de não ter aceitado morar com seu Filho Estrela, ela era sua nora e mãe de seu neto. Por isso, ordenou que as aranhas da noite tecessem, com fios de seda que caíam do céu, uma cobertura para proteger seu neto e sua mãe do imenso frio que fazia naquela noite.

Assim que a Lua colocou a cobertura sobre a moça e seu filho, todos adormeceram. No outro dia, a Avó Lua desceu na forma de uma linda mulher. Entregou para a nora roupas próprias para a criança, feitas por ela mesma, presente que trazia com muito amor, pois sabia que o menino seria, na verdade, o primeiro pajé no mundo.

---





- Pequeno pajé! - Disse a Avó Lua. - Saiba que o amo muito. Farei de você um grande homem. Você possuirá o dom da cura. Vejo desde já que possui o brilho de meu Filho Estrela. Posso sentir sua luz. Ela é tão forte quanto a de seu pai.


Ao despedir-se do menino, a Lua falou:


- Minha querida nora, não pense que está sozinha. Saiba que seu marido esta ali no alto zelando por vocês. Eu também vou estar. Nunca vamos deixá-los desamparados nesse mundo. Quando o pequeno Kāká crescer, ajudaremos a tornar-se líder espiritual de seu povo.

Ela sabia que o neto corria perigo, então foi para a floresta e lá se transformou numa velha, assim ajudaria a nora sem que ela soubesse quem era.

A velha não teve problemas ao pedir à moça para ajudar a cuidar da criança.

- Claro! - disse ela, prontamente aceitando a ajuda da velha que dizia ser sua parenta vinda de outra aldeia. A velha procurava sempre estar por perto dos dois para protegê-los.






O tempo passou, e o pequeno foi crescendo. Quando sua mãe pôde sair da aldeia, levou-o junto para lavar a roupa no rio. Ela o deixou dormir na sombra embaixo das árvores, mas não sabia que na floresta se escondiam espíritos destruidores que odiavam os kaingáng.

Os kaingáng acreditam que quando a criança dorme seu espírito sai de seu corpo e fica vagando ao redor. Foi naquele instante que o menino, enquanto dormia dentro do cesto, teve seu espírito roubado e levado para dentro da mata fechada.

A mãe do pequeno pajé nada percebeu. Quando terminou de lavar a roupa, pegou o menino no colo e levou-o ainda dormindo para casa. Naquele dia havia saído sem nada dizer à velha índia, que ficou em casa dormindo na tarde quente.

Chegando em casa, colocou sua roupa para secar nas varas de bambu e foi ver o pequeno pajé. Foi então que a criança acordou assustada e não mais parou de chorar. Chorava sem explicação. A mãe, desesperada, não sabia o que tinha acontecido. Chamou pela velha, mas não a encontrou.


Desolada, a moça tentou desesperadamente acudir o menino, mas foi em vão. Quando a noite caiu, levou-o até um pequeno monte perto da aldeia. Ali, com o menino nos braços, sentou-se numa pedra e chorou, pedindo à Mãe Lua e a seu amado Filho Estrela que viessem ajudá-la, pois o menino definhava.





A Lua viu o desespero da moça e logo apareceu como a anciã. Ela apanhou o menino dos braços da mãe e lhe perguntou onde ela o tinha levado. A índia contou tudo que tinha feito, e a velha saiu carregando o menino nos braços para a floresta. Chegando lá, procurou uma erva que cobria o chão onde estavam e passou por todo corpo do menino; ao terminar o processo, jogou o galho da erva no chão.

Ficou observando... O galho começou a secar, e logo estava todo seco, tamanho era o mal que rodeava o pequeno pajé. A velha levou a criança de volta para a mãe, que ainda chorava, quando um fecho de luz parou em sua frente. Era o Índio Estrela, pai do menino e seu marido.




Ele estava muito preocupado com seu filho, por isso falou:

- Meu filho irá dormir esta noite acompanhado por mim e por outras estrelas. Amanhã, minha mãe e eu iremos resgatar o espírito do menino pajé. É na floresta que os espíritos do mal mantêm sua alma aprisionada.

- É verdade, meu filho - disse a mãe. - Sem seu espírito, a criança não aguentará nem três dias, e um já se passou.

Depois de uma noite difícil, o Índio Estrela se levantou e, junto com sua mãe e as demais estrelas em forma de guerreiros e animais encantados, entraram na floresta; por um dia inteiro, lutaram contra os espíritos do mal que haviam aprisionado a alma do menino. Anoteceu e a guerra continuou. Foi só quando o Sol começava a surgir no horizonte, que o último espírito do mal foi destruído.







Finalmente, a alma do futuro pajé era resgatada e levada de volta ao menino.

- Muito cuidado - disse ele à mãe. - Nunca o deixe dormir longe de casa, perto de rios ou florestas, sem chamar seu espírito antes de levá-lo de volta à aldeia.

Assim, a índia aprendeu que não podia deixar o menino nem só nem desprotegido, em momento algum.


Com a proteção das estrelas e da Lua, o pequeno cresceu rapidamente, e já desde novo visitava os doentes, acompanhado de uma anciã que nem mesmo ele sabia ser a Lua sua avó. Eles se tornaram amigos. Quando ia para a mata apanhar ervas para fazer um chá para sua mãe, ela ensinava o menino a curar os males da alma e do espírito. Ensinou o jovem a conversar com os animais para aprender a reconhecer aqueles que lhe trariam o conhecimento e o ajudariam a trazer saúde e paz a seu povo.






Apreendeu o segredo da mata e das plantas medicinais. Apreendeu como usá-las contra as doenças. Quando jovem, enfrentou várias batalhas contra os espíritos que voltavam a atacar as aldeias para causar males e doenças aos kaingáng. Porém sua luta sempre foi abençoada pela Lua.

Ao final de grandes batalhas agradeceu a seu pai, tias e a avó, disse que quando seu tempo terminasse na Terra, iria morar no céu com eles, pois eram sua família também, mas agora iria cuidar de sua mãe e de seu povo, que pela primeira vez soube o que era paz.







Durante muitos anos, o pajé tratou de homens, mulheres e crianças. Tornou-se homem e depois começou a envelhecer. Sua amiga, a anciã, que muita coisa lhe ensinou, desapareceu do mesmo modo que um dia apareceu, entrou na mata e de lá tomou sua forma de Deusa Lua.

Em sua partida, ela ainda falou a seu neto, o Kujá, como são chamados os sábios da medicina tradicional indígena:

- Você veio para ensinar seu povo a combater o mal, com a ajuda dos bons espíritos e da força da natureza. Quando seu fim estiver chegando, você vai sentir a proximidade da morte no corpo; então, assim como eu te preparei, você também deve passar seu conhecimento à próxima criança escolhida para ser seu substituto.







Os kaingáng de várias aldeias procuravam o velho Kujá para receberem a cura e aprenderem a usar as ervas da floresta, coisa que o velho ensinava com paciência a cada um que precisasse de sua ajuda, sem nunca perder sua calma e mansidão.

Com um brilho forte, a Lua subiu ao céu, e Kâká perguntou:

- Como saberei reconhecer essa criança?

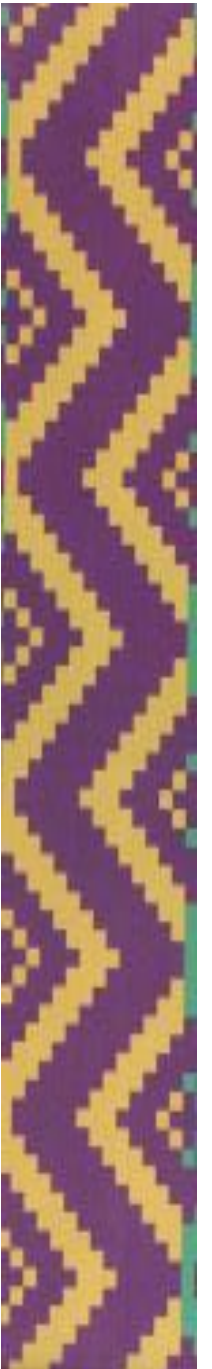
A Deusa Lua, no infinito céu, respondeu:

- Você vai sentir e verá, com os olhos da alma, a imensa luz que a criança vai carregar, assim como você carregou também. Você não se enganará.

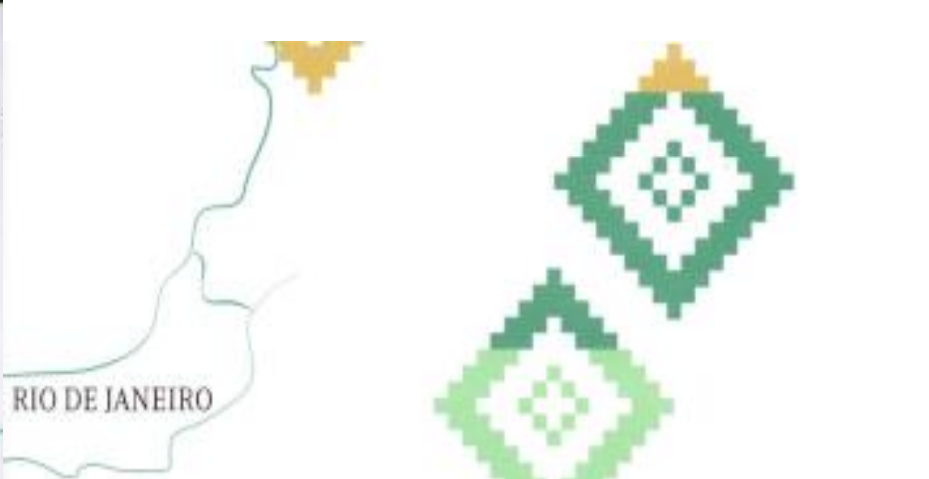
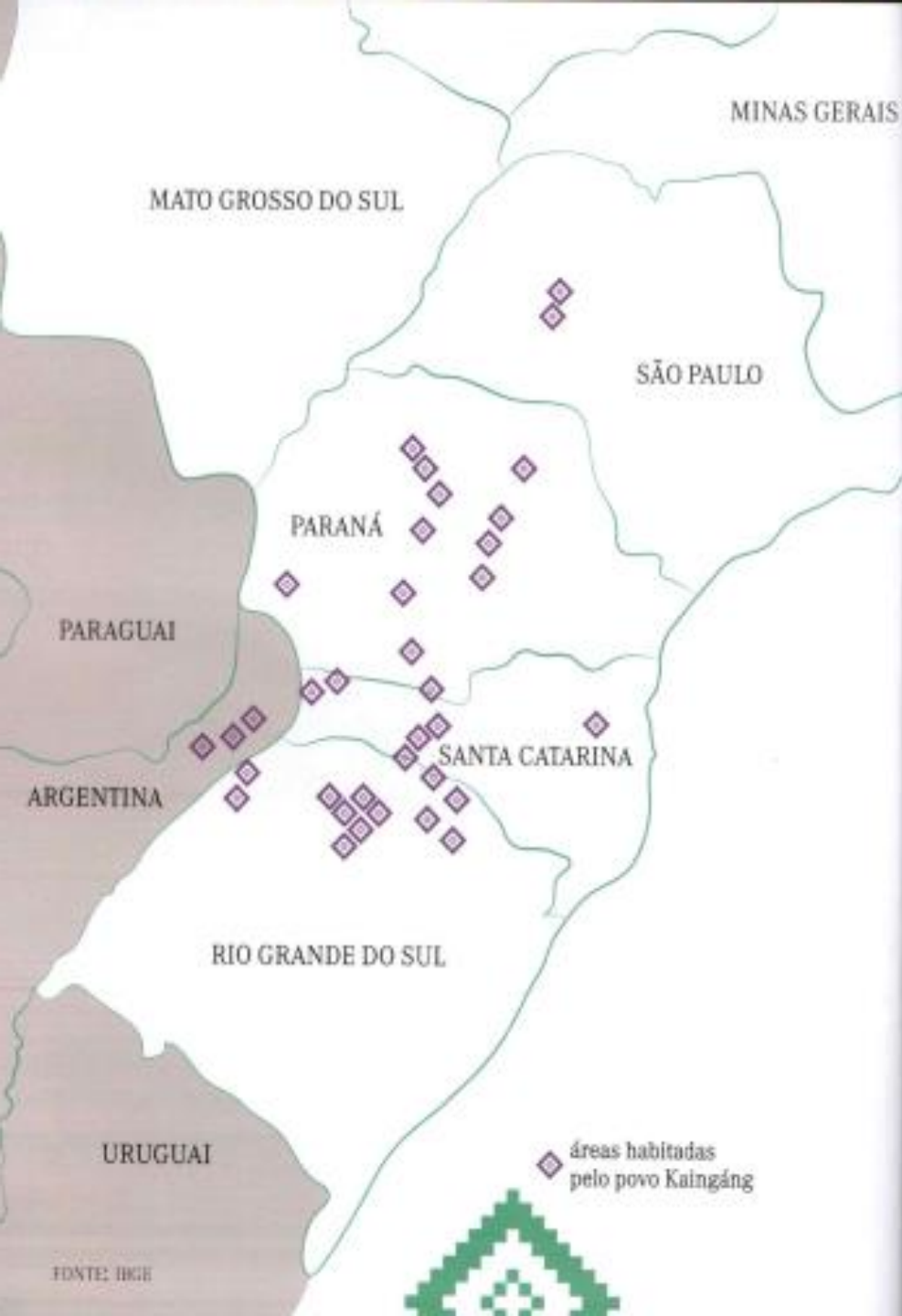
Desde então, o velho pajé, em noites de lua, enquanto sua avó brilhava forte no céu, passou a reunir as crianças ao redor da fogueira para cantar, contar histórias das lutas contra os espíritos do mal, e também ensinar aos pequenos como catar e preparar os remédios que tinham na enorme floresta ao seu redor.

Certo dia de verão, perdeu sua mãe e viu seu pai levá-la pela mão ao céu estrelado. Os dois formavam um belo casal. Como era bonito o amor que os unia.

Nas noites de festa contava as histórias que ouvimos ser contadas até hoje, ao redor das grandes fogueiras, mas ele não cessava sua procura, observava cada criança com anseio. Porque a alma imortal daquele que fora o primeiro pajé dos kaingáng nunca deixaria de existir e nunca deixaria de ajudar aquela grande nação tão amada por ele.







## O POVO KAINGÁNG

Antigamente chamados de coroados e guayanazes, os kaingáng formam uma das maiores etnias indígenas do Sul do Brasil. Distribuem-se do Rio Grande do Sul até São Paulo, localizados em pequenas terras indígenas rodeadas por zonas urbanas. Somam uma população de quase 40 mil pessoas.

São divididos em duas grandes famílias que definem a dualidade do povo: os Kamé e os Kairu.

Os Kamé estão relacionados ao Oeste e à pintura facial com motivos compridos, e os Kairu relacionados ao Leste e à pintura facial com motivos redondos. Os kaingáng pertencem ao ramo meridional do tronco étnico Jê, ao qual pertencem os índios xokleng, de Santa Catarina. Falam um dialeto que deriva da língua kaingáng, também de origem Jê, do ramo coroadado.

Kretan é um dos nomes mais lembrados em sua luta pelo direito a terra. Ele foi assassinado e, hoje, é um dos maiores heróis dos povos indígenas do Brasil.







## A AUTORA

Nascida na aldeia de Ligeiro, município de Tapejara, Rio Grande do Sul, Vângri é do povo kaingáng.

Educadora bilíngue pelo Instituto Kaingáng, na aldeia Serriinha, no mesmo estado, trabalhou com arte-educação em projetos envolvendo a produção de material didático e cartilhas com desenhos e ilustrações, no contexto educacional da Escola Estadual Fág Kawá, da aldeia, juntamente com o Ponto de Cultura Indígena Kanhgág Jãre, com iniciativas premiadas e reconhecidas no Prêmio Cultura Viva e no Prêmio Escola Viva.

Escreveu a obra *Antologia Indígena*, com outros escritores e educadores do NEArIn (Núcleo de Escritores Indígenas), do INBRAPI (Instituto Brasileiro para Propriedade Intelectual); um livro de poesias, publicado pela Secretaria de Cultura de Mato Grosso, especialmente para primeira FLIMT (Feira do Livro de Mato Grosso) em 2009; e a obra *Jóty, o tamanduá*, livro de mitologia do povo kaingáng.





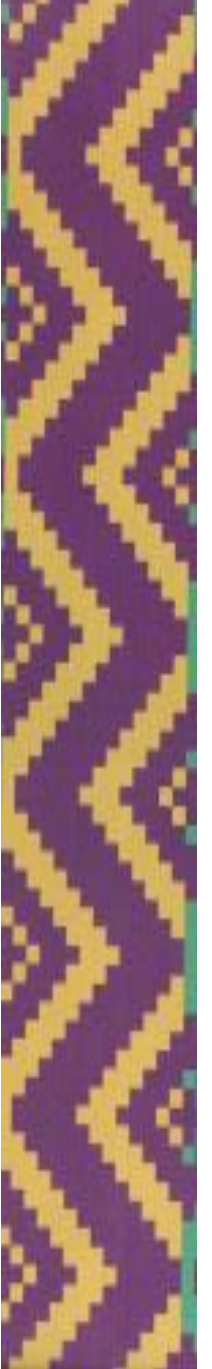
Realizou trabalhos para a Rede Globo de Televisão, no núcleo indígena da novela Araguaia, escrita por Walther Negrão e exibida entre 2010 e 2011, com produção de grafismos indígenas e tradução de falas dos personagens para língua indígena.

Atualmente realiza trabalhos educacionais e participa do projeto Povos da Floresta, desenvolvendo atividades conforme a lei 11.645/08 em escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro.

Atua como artista plástica na produção de peças sob encomenda, como o balaio gigante que ficou exposto no MAM (Museu de Arte Moderna) em agosto e setembro de 2013. Trata-se do maior cesto indígena produzido por diferentes povos. O projeto foi coordenado por Vângri.

Realiza oficinas de tecelagem para peças de adornos com grafismo indígena nas diferentes aldeias no norte do Rio Grande do Sul.

Também participa de projetos educacionais envolvendo as quatro escolas da comunidade de Serrinha, pelo Instituto Kaingáng e pelo INBRAPI.



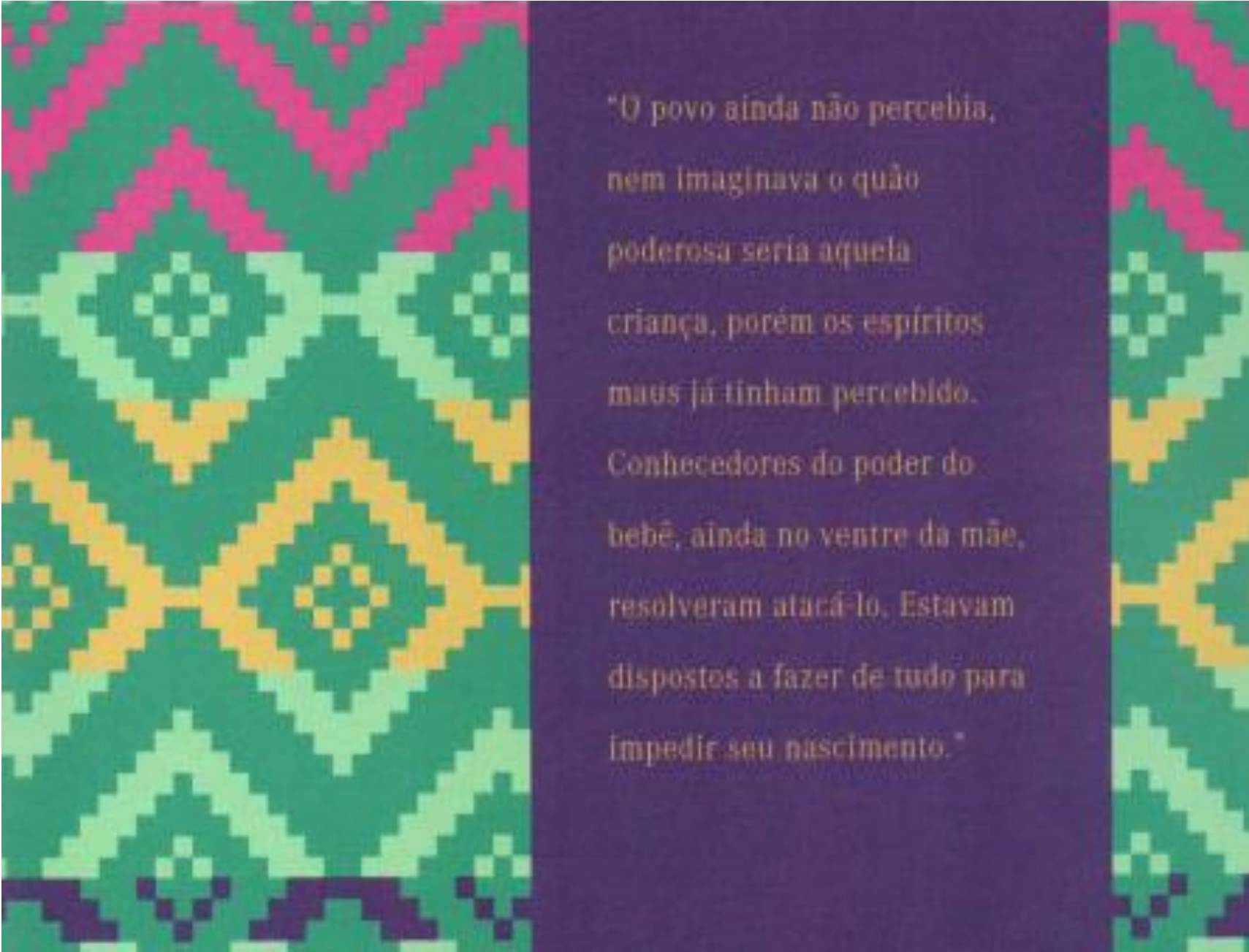
## A ILUSTRADORA

Catarina Bessell nasceu em julho de 1984, na cidade de São Paulo. É formada em arquitetura pela FAU-USP, mas sempre preferiu desenhar nas paredes a construí-las. Em 2009 fundou seu ateliê de artes gráficas e desde então colabora para o jornal Folha de S.Paulo e revistas nacionais.

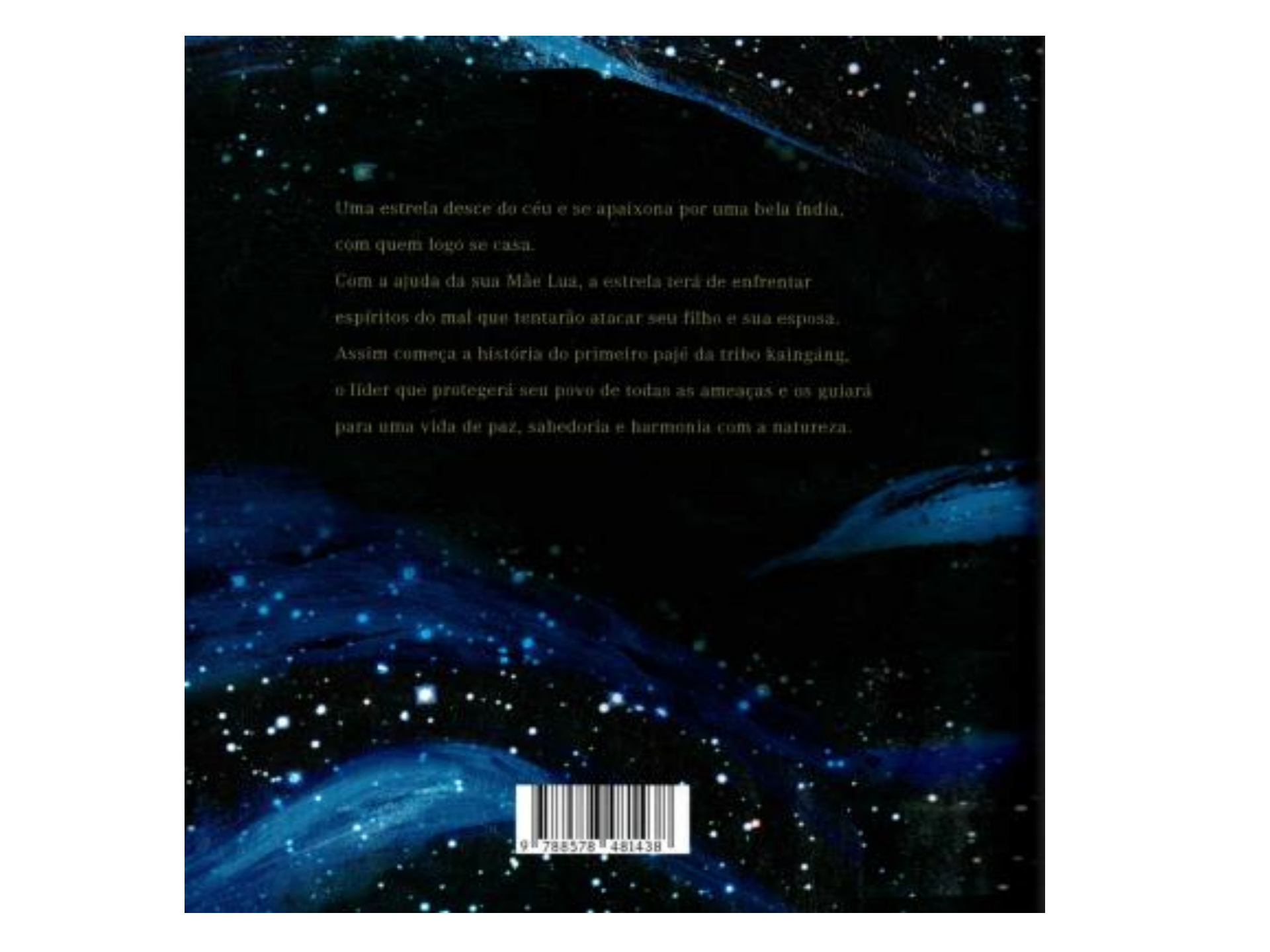
Em 2012 recebeu menção honrosa no 25º concurso do cartaz do Museu da Casa Brasileira e participou com três obras na exposição Arte e Cinema no Museu da Imagem e do Som. Já ilustrou seis livros, entre eles *Silêncio - doze histórias universais sobre a morte* [2012], por Ilan Brenman, e *O alfabeto dos Pássaros* [2014], por Nuria Barrios.

Catarina gosta de dias de frio com sol, viagens longas, documentários sobre astronomia e filmes em preto e branco. Se não em seu ateliê, são grandes as chances de encontrar a ilustradora em um sebo da cidade (onde está sempre a garimpar revistas e livros antigos, em busca de imagens interessantes para suas colagens) ou nas livrarias. Sempre com um ar distraído. E com um livro na mão.





"O povo ainda não percebia,  
nem imaginava o quão  
poderosa seria aquela  
criança, porém os espíritos  
maus já tinham percebido.  
Conhecedores do poder do  
bebê, ainda no ventre da mãe,  
resolveram atacá-lo. Estavam  
dispostos a fazer de tudo para  
impedir seu nascimento."

The background of the page is a dark night sky filled with stars. A vibrant blue aurora borealis (Northern Lights) is visible, flowing across the sky in a wavy pattern. The colors range from deep indigo to bright cyan. The stars are scattered throughout, with some appearing as bright white dots and others as smaller, fainter points of light.

Uma estrela desce do céu e se apaixona por uma bela índia,  
com quem logo se casa.

Com a ajuda da sua Mãe Lua, a estrela terá de enfrentar  
espíritos do mal que tentarão atacar seu filho e sua esposa.  
Assim começa a história do primeiro pajé da tribo Kalngang,  
o líder que protegerá seu povo de todas as ameaças e os guiará  
para uma vida de paz, sabedoria e harmonia com a natureza.

